

FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS - FBMG
Programa de Graduação em Teologia

Ozeas Maria Gonzaga

CRISTIANISMO E DISCIPULADO:
Uma questão de obediência e Compromisso

Belo Horizonte
2022

Ozeas Maria Gonzaga

CRISTIANISMO E DISCIPULADO:
Uma questão de obediência e Compromisso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Batista de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes

Belo Horizonte
2022

Ozeas Maria Gonzaga

CRISTIANISMO E DISCIPULADO:
Uma questão de obediência e Compromisso

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em (dia) (mês) (ano)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes (Orientador) – FBMG

Prof. Examinador 1

Prof. Examinador 2

Dedico este TCC ao nosso Deus e Pai, a minha esposa que em muito abriu mão para que eu chegasse aqui, aos meus filhos pela compreensão e ajuda, a minha igreja pela oportunidade de servir enquanto seminarista e ao Pastor Argemiro por ser um líder que oportuniza aos iniciantes.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expresso aqui a minha gratidão, especialmente ao professor Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes (Orientador) - STBM, pela orientação, pelo aprendizado e apoio em momentos necessários.

A minha esposa por ter cedido o tempo que nunca mais volta, para que eu pudesse me dedicar a leitura e estudar com afinco.

Ao meu irmão Eudes que muito me incentivou a continuidade dos estudos.

Aos meus filhos que usaram de suas experiências, e com sabedoria ampliaram minha visão.

Aos colegas de classe que mesmo online buscaram trocar experiências.

Aos bibliotecários, pela ajuda incondicional em nos auxiliarem nas pesquisas.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento e construção deste trabalho.

Muito obrigado.

“O que as suas mãos tiverem que fazer que o façam com toda a sua força, pois na sepultura, para onde você vai, não há atividade nem planejamento, não há conhecimento nem sabedoria”.

(Eclesiastes 9:10)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é evidenciar a maneira pela qual Jesus discipulou, e qual foi a continuidade desse discipulado pelos seguidores de Jesus. O título Cristianismo e discipulado: uma questão de obediência e compromisso propõe levantar questões a respeito do discipulado sem a pessoa de Jesus Cristo. O primeiro capítulo apresenta a partir da obra *Discipulado*, do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, a origem do cristianismo e como os primeiros discípulos foram impactados com o chamado de Jesus Cristo, a ponto de deixarem tudo para segui-lo. O segundo capítulo mostra a partir da obra *Discípulo radical*, do teólogo anglicano John R.W. Stott (1921-2011), os fundamentos do discipulado a partir de sua raiz, e como os diferentes níveis de comprometimento impactam diretamente o resultado, na vida daqueles que são chamados de discípulos. O terceiro capítulo tem como objetivo mostrar a maneira que os dois teólogos: o britânico John Stott (1921-2011), e o alemão Dietrich Bonhoeffer (1906 -1945) descreveram a relação entre cristianismo e discipulado, observando a partir das obras apresentadas no capítulo um e dois. A conclusão abordará a questão de como o discipulado iniciado com Jesus, trouxe inquietações à igreja atual, fazendo-se necessária uma releitura do formato histórico e teológico que ao longo dos séculos permanece vivo e apresentará contribuições para a continuidade da grande comissão.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus. Discípulo. Cristianismo. Compromisso. obediência

ABSTRACT

The objective of this work is to highlight the way in which Jesus disciplined, and what was the continuity of this discipleship by the followers of Jesus. The title *Christianity and Discipleship: A Matter of Obedience and Commitment* proposes to raise questions about discipleship without the person of Jesus Christ. The first chapter presents, from the work *Discipleship*, by the German theologian Dietrich Bonhoeffer, the origin of Christianity and how the first disciples were impacted by the call of Jesus Christ, to the point of leaving everything to follow him. The second chapter shows from the work *Radical Disciple*, by Anglican theologian John R.W. Stott (1921-2011), the foundations of discipleship from its root, and how the different levels of commitment directly impact the outcome, in the lives of those who are called disciples. The third chapter aims to show how the two theologians: the British John Stott (1921-2011), and the German Dietrich Bonhoeffer (1906 -1945) described the relationship between Christianity and discipleship, observing from the works presented in the chapter one and two. The conclusion will address the question of how the discipleship started with Jesus, brought concerns to the current church, making it necessary to reread the historical and theological format that over the centuries remains alive and will present contributions to the continuity of the great commission.

KEYWORDS: Jesus. Disciple. Christianity. Commitment. Obedience.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
1.1 Origem do Cristianismo	11
1.2 Seguidores transformados em discípulos	12
1.2.1 Discipulado = Compromisso	13
CAPÍTULO 2	
2.1 O discípulo e as escolhas	17
2.2 O discípulo no processo da inconformidade	18
CAPÍTULO 3	
3.1 A concordância entre STOTT e BONHOEFFER	21
3.2 O discípulo na missão	22
3.2.1 O fruto de seu trabalho	23
CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Nota-se que o discipulado iniciado com Jesus, traz inquietações à igreja atual, fazendo-se necessária uma releitura do formato histórico e teológico que ao longo dos séculos permanece vivo. Para tanto, algumas interrogações podem ser levantadas: Como Jesus discipulou? E como acontece o discipulado atualmente?

O objetivo deste trabalho é evidenciar a maneira pela qual Jesus discipulou e qual foi a continuidade desse discipulado pelos seguidores de Jesus.

O título Cristianismo e discipulado: uma questão de obediência e compromisso, propõe levantar questões a respeito do discipulado sem a pessoa de Jesus Cristo, conforme salienta o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer em sua obra intitulada *Discipulado*.

A pergunta central que move essa pesquisa é: Como continuar a fazer novos discípulos sem desviar o olhar de Cristo? A pergunta tem como ponto de partida o contexto no qual o próprio Jesus praticou o discipulado como estilo de vida, formando seguidores comprometidos que continuassem a missão, até que o evangelho alcançasse outras pessoas.

Dessa forma, a principal motivação do presente trabalho é compreender o que é discipulado, quais os elementos teológicos, culturais e espirituais que o mantém por meio das gerações e como se tornar um autêntico agente para a continuidade da grande comissão.

Como hipótese, assume-se que a igreja enfrenta dificuldades na formação de discípulos comprometidos, ao perceber que as pessoas não querem compromisso que exija obediência.

O método escolhido é a pesquisa bibliográfica. Para tanto, a pesquisa tem por referência a obra *Discipulado* do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) e a obra *Discípulo radical*, do teólogo anglicano John R.W. Stott, (1921-2011).

O trabalho está dividido em três capítulos. Após uma introdução, no primeiro capítulo é feita uma apresentação sobre a origem do discipulado cristão na visão de Dietrich Bonhoeffer. O segundo capítulo propõe uma definição do discipulado considerando a obra de John Stott. No terceiro capítulo procura-se

trazer caminhos que deem continuidade ao plano inicial de Jesus dialogando com os dois autores.

A conclusão responde à pergunta inicial, de como continuar a fazer novos discípulos, sem desviar o olhar de Cristo.

CAPÍTULO 1

CRISTIANISMO E DISCIPULADO: UMA QUESTÃO DE OBEDIÊNCIA E COMPROMISSO

O objetivo deste capítulo é apresentar a partir da obra *Discipulado*, do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, a origem do cristianismo e como os primeiros discípulos foram impactados com o chamado de Jesus Cristo, a ponto de deixarem tudo para segui-lo.

1.1 A origem do cristianismo

A palavra Cristianismo, se origina daquele que veio para se revelar e introduzir um novo conceito de vida, capaz de dar significado aos questionamentos da humanidade.

O ser humano só pode “ser em Adão” ou “ser em Cristo”, isto é, “ser” uma pessoa significa “estar” em uma comunidade — e a única comunhão que oferece realização plena da personalidade é aquela “em Cristo”. Em síntese, é na vida em comunhão da Igreja que o mundo encontra a verdadeira humanidade, e a revelação da divindade em Cristo. (BONHOEFER, 2004 p.5)

Nesse sentido, percebe-se a necessidade da compreensão do que seja “Cristianismo”. Para o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, “Cristianismo” é uma religião monoteísta fundada sobre a vida de Jesus Cristo e seus ensinamentos.

O cristianismo nasceu na Judeia, quando, Jesus tornou-se humano vindo ao mundo através de Maria (cf. Mt 1.18) trazendo o evangelho, que é a boa nova de seu reino para ser revelada e compartilhada com a humanidade.

Sua vinda a terra carregava em si uma missão que incluiria os humanos capazes de se esvaziarem para receber a plenitude da vida, e se reproduzirem em obediência, seguindo-o em todos os seus ensinamentos. Segundo Dietrich Bonhoeffer, (2004 p.33), seguir a Jesus Cristo significava, andar como Ele andou e ainda deixar que o conflito da consciência, se sobreponha ao desejo do pecado, libertando-o para estar livre para segui-lo.

Quando Jesus exigiu do jovem rico que se tornasse voluntariamente pobre, este se viu diante da escolha entre obedecer ou não obedecer. Não havia alternativa. Quando Jesus pediu a Levi que abandonasse a coletoria e a Pedro que abandonasse as redes, eles não tiveram dúvida da seriedade do chamado. Tinham de abandonar tudo e segui-lo. (BONHOEFER, 2004, p.34).

Seria no mínimo intrigante para aquela comunidade de judeus, compreender a decisão tomada por pessoas comuns, deixar tudo que possuíam para seguir um homem chamado Jesus Cristo.

Na perspectiva de Bonhoeffer, cristianismo é uma atitude, um ato de obedecer ao chamado de Jesus Cristo, incondicionalmente.

1.2 Seguidores transformados em discípulos.

O evangelho de Jesus Cristo foi difundido no Oriente próximo ao mediterrâneo pelos apóstolos que ouviram e atenderam ao chamado que Jesus fizera. Os apóstolos teriam que experimentar uma caminhada com o Mestre, visando conhecê-lo e as necessidades pertinentes da época. Mas como responder ao chamado de alguém que passa por você, e o convida a segui-lo sem lhe dar explicações? Para Bonhoeffer, (2004, p. 34), esse é o caso do apóstolo Paulo que foi enviado pelo Espírito Santo como está registrado Na Bíblia sagrada em (Atos13. 4).

“Enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucida e dali navegou para Chipre”.

Percebe-se que não há objeção quando o chamado é pela autoridade de Jesus, tanto chama quanto envia para onde desejar como dito por BONHOEFFER.

O próprio Jesus Cristo. É ele quem chama e, por isso, o publicano o segue. Nesse encontro pode-se testemunhar a autoridade de Jesus, incondicional, imediata e que não demanda explicações. Ao discípulo não cabe elogios ou aplausos por seu cristianismo decidido. O olhar não deve recair sobre ele, mas somente sobre aquele que chama e sobre todo o seu poder. BONHOEFER (2004 p. 34).

De acordo com BONHOEFFER aquele que recebe o chamado, deposita todo crédito sobre aquele que chama pois é ele que tem todo o poder para tal ação, sendo assim BONHOEFFER continua

“O discipulado é compromisso com Cristo; porque Cristo existe, tem de haver discipulado” BONHOEFFER (2004, p.22). Nas reflexões de Bonhoeffer (2004, p.56) No sermão do monte, os discípulos aprenderam valores que eram necessários para que pudesse levar adiante, a mensagem viva do mestre e tentam segui-lo incondicionalmente.

“Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo; é apenas uma ideia, um mito”. BONHOEFFER (2004, p.22). É nesse sentido que para o autor, seria impossível separar cristianismo de discipulado uma vez que ambos têm sua origem na mesma Pessoa, Jesus Cristo.

1.2.1 Discipulado = compromisso

“Uma vez que Jesus, todavia, é o Cristo, tudo tinha de ficar evidente desde o início, isto é, que sua mensagem não é uma nova doutrina, mas a criação de uma nova maneira de ser”. (BONHOEFFER 2004, p.24). A mensagem de Jesus aos discípulos era ao mesmo tempo um convite a entrar no seu reino, como também para implantar seu reino no mundo. Isso significa que “Aquele que recebe o chamado deve deixar a situação em que se encontra, impossibilitado de crer, para outra em que, acima de tudo, possa crer”. (BONHOEFFER 2004, p.24.).

Percebe-se a dificuldade que algumas pessoas tinham em se comprometerem com Jesus, pois Ele mesmo diz em Lucas 9.58 “As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”.

Que razão teria uma pessoa ao olhar para Jesus, querer caminhar pregando a mesma mensagem do reino, sabendo que seu mestre não tinha nem onde colocar a cabeça? Para Bonhoeffer (2004, p.22) “Tratava-se de realmente caminhar com Jesus. Estava claro para a pessoa que era chamada que, para ela, só havia uma possibilidade de fé em Jesus: abandonar tudo e seguir o Filho de Deus que se fez humano”. BONHOEFFER, (2004, p.22).

Caminhar com Jesus implicaria em entrar nas aldeias e povoados, assistir como Ele falava do reino, como curava doentes, ensinava sobre todas as áreas da vida, aplicava o perdão, alimentava os famintos além de fazer milagres como no casamento em Cafarnaum. Quem não cria, a partir deste convívio passaria a crer.

Crer, nesse momento, já não significava ficar em silêncio e aguardar, mas sim ir com ele no discipulado. Agora, seu chamado ao discipulado destruía quaisquer vínculos anteriores e os transformava em união exclusiva com Jesus Cristo, por amor a Ele. BONHOEFEEER (2004, p.24).

Os seguidores não tinham outra opção. Jesus dizia a todos: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. (Lucas 9.23). Isso implicaria em crer, obedecer e em comprometer-se. Assim poderia se identificar como discípulo, aquele que sai da esfera de seguidor, por meio da fé, obedecendo às instruções de seu mestre para ser chamado de discípulo de Jesus Cristo.

É nesse horizonte que de acordo com Bonhoeffer (2004 p. 28) “Só o que crê é obediente, e Só o obediente é que crê”. BONHOEFEEER, (2004, p.28). Compreende-se aqui que compromisso de seguir a Jesus, é o preço do discipulado, aqui o compromisso está vinculado ao chamado e a obediência, observe Lucas 9.23. Jesus dizia a todos: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. Na visão de BONHOEFEEER

Jesus parte de um ponto curioso, oferecendo-lhes, mais uma vez, a liberdade de escolha. “Se alguém quer vir após mim”, diz ele. Não é algo evidente para ninguém, nem mesmo para os discípulos. Ninguém deve ser forçado a tal escolha, nem mesmo pode se esperar que alguém o faça. Ao contrário, o enunciado “Se alguém.” dirige-se àqueles que, a despeito de todo o sofrimento, queiram segui-lo independentemente de quaisquer outras ofertas que sejam feitas. BONHOEFEEER, (2004, p.39).

É possível perceber a diferença entre compromisso do discipulado chamado por Jesus de um discipulado em que alguém se oferece, mas sem a compreensão da “obediência cega” Assim, mais uma vez, antes que a lei do discipulado vigore, o discípulo tem de sentir-se livre para escolher”. (BONHOEFEEER,2004 P.39). E então descobre que sua escolha tem um preço a se comprometer.

O Discípulo que voluntariamente se comprometeu com seu Mestre, é levado a um novo tipo de comportamento o qual encontra propósito, por isso nada o faz voltar a seu estilo de vida passado. Segundo BONHOEFFER

Mas, quando ouviram o chamado de Jesus, deixaram tudo para trás e o seguiram. Desde então, passaram a pertencer de corpo e alma a Jesus. Andam a seu lado, convivem com ele, seguem-no para onde quer que ele os leve. Aconteceu com eles algo que não aconteceu com os outros. É um fato que o povo vê diante dos próprios olhos, uma realidade desconcertante e estranha. (BONHOEFFER, 2004 p.48).

Portanto, uma vez decidido seguir o Cristo que deu origem ao cristianismo, aquele que decidiu sente a mesma paixão pela missão da qual o fez sair de seu reino e desposar na terra. O discípulo que saiu do povo, agora enxerga o povo como quem tem necessidades, mas o povo não compreende tal fato. De acordo com BONHOEFFER,

Jesus vê: aí estão seus discípulos. Deixaram abertamente o povo para juntar-se a ele. Ele chamou cada um deles, e tudo abandonaram diante de seu chamado. Agora, passam por privações e carências, dos pobres os mais pobres, dos tentados os mais tentados, dos famintos os mais famintos. Nada têm, senão ele. Sim, e com ele nada têm no mundo, em absoluto, mas têm tudo, tudo em Deus. (BONHOEFFER, 2004 p.48)

Desse modo pode se dizer que aqueles seguidores que se tornaram discípulos entenderam o significado do cristianismo e obedeceram ao mestre; mudaram de atitude e influenciaram multidões. Mas seria possível continuar essa missão em tempos contemporâneos quando o olhar se desvia do principal? Quando Pedro desviou o olhar do mestre, logo se afundou.

Após apresentar o pensamento de Bonhoeffer a respeito do discipulado, entende-se que quem recebe e aceita uma missão, não pode mais olhar pra trás, por isso o próximo capítulo se incumbirá de aprofundar ainda mais este tema.

CAPÍTULO 2

CRISTIANISMO E DISCIPULADO: UMA QUESTÃO DE OBEDIÊNCIA E COMPROMISSO

O objetivo deste capítulo é apresentar a partir da obra *Discípulo radical*, do teólogo anglicano John R.W. Stott (1921-2011), os fundamentos do discipulado a partir de sua raiz, e como os diferentes níveis de comprometimento impactam diretamente o resultado, na vida daqueles que são chamados de discípulos.

2.1 O discípulo e as escolhas.

Pensando na palavra raiz, a partir da visão de Stott, (2011, p.2) percebe-se que uma semente lançada ao solo, não tem escolha quanto ao seu futuro, uma vez que o solo onde foi semeado caracteriza-se por solo fértil ou rochoso, ou ainda outras características que permitirá uma boa germinação para se chegar ao fruto esperado.

Desse modo, entende-se que o coração do discípulo que atendeu ao chamado de Jesus, demonstrou ser um solo fértil capaz de reproduzir exatamente o que se espera, portanto não é possível fazer escolhas que se desvinculem da raiz como diz Stott (2011, p.2): “O próprio Jesus ilustra isso ao explicar o que aconteceu com as sementes na Parábola do semeador (cf. Mt 13.3-23). A diferença está no tipo de solo que as recebeu. A semente semeada em solo rochoso ‘não tinha raiz’”. (STOTT 2011, p.2).

Nesse sentido, compreende-se que ser seguidor de Jesus é estar enraizado em uma fonte profunda de conhecimento, que difere da cultura universal, visto que sua profundidade gera um novo modelo de vida capaz de causar “inconformidade” a ponto do apóstolo Paulo dizer: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (Romanos 12.2).

Stott (2011 p.13) escreve que o chamado de Deus para um discipulado radical gera um convite para desenvolver uma contracultura sem que os discípulos se comprometam com ela. Dessa forma, aquele que se conecta com Jesus, também se conecta com sua missão, pois ele foi chamado para ser diferente e modificar os modos atuais com características cristãs, e só então descobrirá suas responsabilidades na continuidade do discipulado. Para Stott,

A igreja tem uma dupla responsabilidade em relação ao mundo ao seu redor. Por um lado, devemos viver servir e testemunhar no mundo. Por outro, devemos evitar nos contaminar por ele. Assim, não devemos preservar nossa santidade fugindo do mundo, nem a sacrificar nos conformando a ele. Tanto o escapismo quanto o conformismo são proibidos para nós. Esse é um dos temas principais da Bíblia, ou seja, Deus está convocando um povo para si e o desafiando a ser diferente de todos. “Sejam santos”. (STOTT 2011, p.12).

Compreende-se nesse caso que o chamado de Jesus não é opcional para aqueles que o atenderam.

2.2 O discípulo no processo da inconformidade

Na compreensão de Stott, “inconformar” com este mundo, é uma característica singular no relacionamento discípulo e mestre, o qual precisa estar iluminado sobre o que necessita inconformar, e nesse sentido, Stott (2011 p.14) indica o procedimento do discípulo radical com quatro tendências contemporânea que afeta o modo de viver proposto por Jesus. E a primeira tendência de ameaça indicada é o pluralismo.

Como então deveríamos responder ao espírito de pluralismo? Com muita humildade e sem qualquer indício de superioridade pessoal. Porém, devemos continuar a afirmar a imparidade e perfeição de Jesus Cristo”. STOTT, (2011 p.14).

A segunda tendência de ameaça indicada é o Materialismo. Do ponto de vista de Stott (2011), “materialismo é uma preocupação com coisas materiais que podem abafar a vida espiritual do discípulo radical”, (STOTT, 2011 p.15). Jesus diz com muita clareza onde o discípulo deve colocar seu coração, oferecendo assim um caminho de conformidade com seus ensinamentos, e não com este mundo.

A terceira tendência contemporânea que ameaça e à qual não devemos nos render é o espírito perverso do relativismo ético. Stott apresenta um quadro moral e ético em que os valores declarados na Bíblia Sagrada são pervertidos pelo relativismo de tal forma que afetou a cultura mundial e entrou na igreja, confundindo os autênticos seguidores a ouvirem a voz do mestre, pois na era contemporânea tudo é relativo.

A quarta tendência, é o desafio do narcisismo. Para Stott (2011, p. 16), Narciso, na mitologia grega, foi um jovem que viu seu reflexo em um lago, apaixonou-se por sua própria imagem, caiu dentro d'água e se afogou. Assim, "narcisismo" é um amor excessivo, uma admiração desmedida por si mesmo.

Na perspectiva de Stott (2011), entende-se que diante de tais tendências o discípulo radical é chamado a não se conformar pois são claramente ameaças indicadas a destruir os valores éticos ensinados por Jesus. Os discípulos, uma vez arraigados ou ligados diretamente em Jesus, avançam contracultura como ensinado por Jesus no sermão do monte.

Diante do desafio do pluralismo, devemos ser uma comunidade de verdade, declarando a singularidade de Jesus Cristo. Diante do desafio do materialismo, devemos ser uma comunidade de simplicidade, considerando que somos peregrinos aqui. Diante do desafio do relativismo, devemos ser uma comunidade de obediência. Diante do desafio do narcisismo, devemos ser uma comunidade de amor. Não devemos ser como caniços agitados pelo vento, dobrando-nos diante das rajadas da opinião pública; mas tão inabaláveis quanto pedras em uma correnteza. Não devemos ser como peixes que flutuam na corrente do rio (como diz Malcolm Muggeridge, "somente peixes mortos nadam com conformismo a corrente"); devemos nadar contra ela, contra a tendência cultural. Não devemos ser como camaleões, que mudam de cor de acordo com o ambiente; devemos nos opor de forma visível ao ambiente em que estamos. (STOTT, 2011 p.20).

Desse modo, pode se dizer que inconformar é o mesmo que não concordar e trabalhar para mudar aquelas áreas que traz prejuízo além do que vemos e impede uma vida eterna junto ao criador.

Após apresentar o pensamento de John R.W. Stott a respeito do discípulo radical, entende-se que aquele que foi ligado na terra está ligado ao céu pois quanto mais profunda a raiz, mais força de combate o discípulo terá contra as ameaças que querem interferir nos valores do reino de Deus.

Quem recebe e aceita uma missão, não pode mais olhar pra trás, por isso o próximo capítulo se incumbirá de dialogar com os do capítulo 1 e 2.

CAPÍTULO 3

CRISTIANISMO E DISCIPULADO: UMA QUESTÃO DE OBEDIÊNCIA E COMPROMISSO

Este capítulo tem como objetivo mostrar a maneira que os dois teólogos: o britânico John Stott (1921-2011), e o alemão Dietrich Bonhoeffer (1906 -1945) descreveram a relação entre cristianismo e discipulado, observando a partir das obras apresentadas no capítulo um e dois.

3.1 A Concordâncias entre Stott e Bonhoeffer

Para Stott, a palavra discípulo é atípica ou singular, pois ela é compreendida como um aprendiz, um aluno, um seguidor de um mestre, alguém que quer aprender, copiar, viver igual, pode-se dizer até em reproduzir em si mesmo as qualidades do seu professor. Como Paulo fala ao povo que estava na cidade de Corinto: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1 Coríntios 11.1)

Conclui-se que ele fala com autoridade, pois, teve uma vida, vivida em função da fé que depositava no Mestre Jesus o qual se espelhou para se tornar um autêntico seguidor. De acordo com Stott, (2011 p.28) “Devemos ser como Cristo em sua missão, tendo observado o ensino de Paulo e de Pedro, observaremos o ensino de Jesus registrado por João (cf. Jo 17.18; 20.21). Em oração, Jesus diz ao Pai: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo”.

Observando as palavras de Jesus apresentadas por Stott, (2011 p.28) percebe-se que Stott concorda com o que diz Bonhoeffer (2004 p.21) quando em seu segundo capítulo intitulado “chamado ao discipulado” diz: “Jesus chama ao discipulado, não como mestre sábio e exemplo de vida, mas sendo Cristo, o Filho de Deus. Assim, nessa breve passagem, anuncia-se Jesus Cristo e o que ele requer do ser humano, e nada mais”. Pode-se perguntar; chamado para onde? Ou para quê? É nesse sentido que Jesus esclarece a necessidade de ter consigo seguidores transformados em discípulos para continuar a missão descrita em (cf Mateus

28.19,20). Mas qual seria o objeto da missão? Ou, o que um discípulo que aceitasse o convite de Jesus deveria fazer?

3.2 O discípulo na missão

A esse questionamento, deve-se recorrer ao Pacto de Lausanne em que John R.W. Stott foi um dos principais relatores.

O Pacto de Lausane¹ foi um grande congresso mundial de evangélicos que ocorreu em 1974 em Lausane, Suíça, com presença de mais de 150 nações, onde foi criado um comitê mundial das igrejas evangélica”. Nesse sentido vale observar o que está descrito nesse documento. De acordo com o relator STOTT,

Evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor e Rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e creem. A nossa presença cristã no mundo é indispensável à evangelização, e o mesmo se dá com aquele tipo de diálogo cujo propósito é ouvir com sensibilidade, a fim de compreender. Mas a evangelização propriamente dita é a proclamação do Cristo bíblico e histórico como Salvador e Senhor, com o intuito de persuadir as pessoas a vir a ele pessoalmente e, assim, se reconciliarem com Deus. Ao fazermos o convite do evangelho, não temos o direito de esconder o custo do discipulado. Jesus ainda convida todos os que queiram segui-lo e negarem-se a si mesmos, tomarem a cruz e identificarem-se com a sua nova comunidade. Os resultados da evangelização incluem a obediência a Cristo, o ingresso em sua igreja e um serviço responsável no mundo. (PACTO DE LAUSANNE, Parágrafo 4: A natureza da evangelização)

Diante desse pacto nos resta olhar e concordar tanto com Stott como Bonhoeffer, pois os dois apontam para o compromisso do discípulo que deixou tudo para seguir o mestre, identificando com a missão de evangelizar, entendendo que a pessoa de Cristo requer compromisso e obediência daquele que aceita segui-lo.

Segundo Bonhoeffer, (2004 p.33) Só posso aprender o que é obediência enquanto obedeço, e não ao fazer perguntas. É só na obediência que posso reconhecer

¹ PACTO DE LAUSANNE> Disponível em < <https://lausanne.org/pt-br/about-lausanne>>. Acessado em maio de 2022.

a verdade. O chamado de Jesus atinge o conflito da consciência e do pecado e nos liberta para a simplicidade da obediência.

Portanto, o discípulo que compreende seu papel na missão, se compromete com o Cristo da missão como diz Bonhoeffer, (2004 p. 88) : o que faz dele um discípulo não é uma nova medida para sua vida, mas unicamente o próprio Jesus Cristo, o Mediador, o Filho de Deus.

Assim vemos que Cristo se fez mediador entre Deus e o Mundo, agora se destaca que, do mesmo modo os discípulos estavam sendo convocados a também se tornarem mediadores entre a comunidade e Jesus Cristo, formando comunidades que expressasse esses valores, o qual chamou de igreja.

3.3 O fruto de seu trabalho

A igreja deveria ser uma comunidade local composta de pessoas diferentes, de classes sociais e culturas diferentes: ricos e pobres; brancos e negros; cidadãos e estrangeiros; homens e mulheres; crianças, jovens, adultos e idosos; empresários, empregados e desempregados; doutores e analfabetos pois, segundo Paulo, “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28).

Pode se dizer então que a continuidade da missão requer discípulos que uma vez comprometidos, se tornem obedientes e dispostos a carregarem consigo a responsabilidade da comunhão cristã, acima das barreiras culturais levando-as a compreender a essência do compromisso cristão. Jesus sempre teve um olhar de compaixão para o povo, por onde passou. De acordo com Mateus,

E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. (Mateus 9.35-38).

Dessa forma Jesus olhava para o povo e a causa que provocara tamanha aflição e exaustão, assim Bonhoeffer, (2004 p.96) observa a maneira como os discípulos olhava para a multidão: contemplar a multidão, algo que aos

discípulos talvez causasse repulsa, ira ou desprezo, enchia o coração de Jesus de grande compaixão e dor” (BONHOEFFER, 2004, p. 96).

Essa é a necessidade do povo, e somente quem andava com Jesus, percebia sua compaixão. Seu olhar era diferente. Como então deveríamos responder a esse questionamento? Como continuar a fazer novos discípulos sem desviar o olhar de Cristo? Na conclusão buscaremos respondê-lo.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi abordar a questão de como o discipulado iniciado com Jesus, trouxe inquietações à igreja atual, fazendo-se necessária uma releitura do formato histórico e teológico que ao longo dos séculos permanece vivo. Para tanto, algumas interrogações foram levantadas: Como Jesus discipulou? E como acontece o discipulado atualmente?

O primeiro capítulo tratou de apresentar a partir da obra *Discipulado*, do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, a origem do cristianismo e como os primeiros discípulos foram impactados com o chamado de Jesus Cristo, a ponto de deixarem tudo para segui-lo. Vale ressaltar então a definição de Bonhoeffer quando diz que, “Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo; é apenas uma ideia, um mito”. (BONHOEFEEER. 2004, p.22).

Já o segundo capítulo buscou compreender pela obra *Discípulo radical*, do teólogo anglicano John R.W. Stott (1921-2011), os fundamentos do discipulado a partir de sua raiz, levando em consideração os diferentes níveis de comprometimento que impactaram diretamente o resultado, na vida daqueles que foram chamados de discípulos.

Por tanto, pensando na palavra raiz, a partir da visão de Stott (2011, p.2) percebeu-se que uma semente lançada ao solo, não tem escolha quanto ao seu futuro, uma vez que o solo onde foi semeado caracteriza-se por solo fértil ou rochoso, ou ainda outras características que permitirá uma boa germinação para se chegar ao fruto esperado.

Por fim o terceiro capítulo mostra a maneira que os teólogos pesquisados, o britânico John Stott (1921-2011), e o alemão Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) descreveram a relação entre cristianismo e discipulado, observando a partir das obras apresentadas no capítulo um e dois que apresentaram uma concordância no formato que Jesus escolheu para formar discípulos.

Apresentado estes tópicos anteriores, chegou-se à conclusão que é impossível um discípulo continuar essa missão olhando para qualquer outro ponto que não fosse o modelo Jesus Cristo, pois além de ser Ele mesmo, o fundamento da missão dada por Deus, também Ele mesmo chama em particular cada indivíduo para formar a Grande comissão

Dessa forma vale observar as palavras de Jesus em Lucas 9.62 que diz: Jesus respondeu: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus".

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 2011

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

PACTO DE LAUSANNE> Disponível em < <https://lausanne.org/pt-br/about-lausanne>>. Acessado em maio de 2022.

STOTT, John W. R. *O discípulo radical*. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2011.